

## Novas provas de que grávidas correm mais risco

Pesquisas reforçam a tese de que gestantes e bebês são mais vulneráveis à infecção pelo Sars-CoV-2. Mães com covid-19, por exemplo, têm probabilidade 15 vezes maior de morrer. Um dos estudos também atesta o efeito protetivo das vacinas

» » PALOMA OLIVETO

Três estudos divulgados nesta semana reforçam a necessidade de gestantes se vacinarem contra a covid-19. Realizados de forma independente em diferentes populações, todos apresentam resultados semelhantes: a infecção por Sars-CoV-2 durante a gravidez aumenta significativamente o risco de morte da mãe e do bebê, além de outros desfechos negativos, como parto prematuro e baixo peso ao nascer. Uma das pesquisas, com dados de 870 mil mulheres que deram à luz nos EUA, encontrou uma probabilidade 15 vezes maior de óbito e 14 de intubação de infectadas, comparado às não afetadas pelo vírus.

A boa notícia é que um dos artigos avaliou o efeito das vacinas: elas não só se mostraram seguras como evitaram desfechos negativos. Estatisticamente, não houve aumento na probabilidade de aborto, parto prematuro e defeitos congênitos. “Embora gestantes não tenham risco maior de pegar covid, elas têm risco maior de complicações do que outras mulheres, incluindo de morrer ou necessitar de terapia intensiva. E, mesmo se não precisarem de hospitalização, estão mais propensas a perder seus bebês”, comenta o virologista Peter English, ex-diretor da revista *Vacinas em Prática*. “Isso enfatiza a questão de que gestantes devem ser vacinadas, e que estar grávida é uma razão extra para se imunizar, e não uma contraindicação.”

O estudo norte-americano, publicado, na quarta-feira, na revista *Jama*, comparou ocorrências adversas entre gestantes que tiveram ou não covid entre março de 2020 e fevereiro de 2021. Dessas, 2,2% haviam sido infectadas durante a gestação. O risco de parto prematuro no grupo das que testaram positivo para Sars-CoV-2 foi 42% mais elevado. Além disso, entre essas últimas, a probabilidade de ser admitida na unidade de terapia intensiva (UTI) foi seis vezes maior.

Divulgada ontem na revista *The Lancet Digital Health*, outra pesquisa mostrou que a infecção por Sars-CoV-2 durante a gravidez aumenta o risco de parto prematuro, baixo peso ao nascer e de óbito do bebê, especialmente quando o contágio ocorre no segundo e

no terceiro trimestre. Baseado nos prontuários médicos de mais de 18 mil gestantes que testaram positivo para Sars-CoV-2, o estudo, liderado pelo Instituto de Sistemas Biológicos, nos EUA, constatou risco aumentado de complicações mesmo em mulheres com as formas leve e moderada da doença. “A covid-19 coloca em risco tanto a saúde materna quanto a fetal. Isso reforça a necessidade de proteger as gestantes”, diz Jennifer Hadlock, autora correspondente do artigo.

Hadlock conta que outros fatores associados a desfechos negativos na gestação e no parto, como a idade gestacional mais avançada, foram ajustados, no estudo, para se ter certeza da associação com a infecção por covid-19. Ela observa que os dados foram coletados quando a vacina ainda não estava amplamente disponível nos Estados Unidos e diz que pesquisas futuras devem indicar se a imunização pode prevenir os riscos em mulheres infectadas, ainda que vacinadas.

### Duas doses

Foi isso que fizeram pesquisadores da Universidade de Edimburgo, na Escócia. A equipe analisou dados relativos a todas as gestações no país, entre dezembro de 2020 e outubro de 2021. Até aquele mês, 32% das grávidas haviam recebido duas doses da vacina para covid, um percentual expressivamente menor quando comparado à população em geral (77%). Diferentemente do estudo norte-americano, o risco maior de prematuros, natimortos e morte do recém-nascido foi mais comum em mulheres que contraíram o Sars-CoV-2 no fim da gestação, por volta de 28 dias antes do parto. A maioria das complicações, incluindo internação em UTI, ocorreu entre pessoas não vacinadas. O estudo foi publicado ontem, na revista *Nature Medicine*.

De acordo com os dados, a taxa de mortalidade perinatal estendida relativa a mulheres que tiveram covid-19 foi 23 por mil nascimentos. O índice mede a morte do bebê, no útero, após 24 semanas de gravidez ou nos primeiros 28 dias após o nascimento. No período analisado, todos os óbitos do

JOAQUIN SARMIENTO



Pesquisa mostra que, na Escócia, 98% das grávidas atendidas em UTIs devido à covid não haviam sido vacinadas

### Palavra de especialista

#### É preciso vacinar

“Com base nesses dados e em outros estudos agora disponíveis que demonstram a segurança das vacinas em todas as fases da gravidez, parteiras, obstetras e médicos de família devem instar as gestantes a tomar a vacina e, se elegível, o reforço, para o próprio benefício e de seus bebês. Não há nada mais angustiante para as famílias do que perder uma jovem mãe e seu bebê para uma doença evitável. Vamos agir agora para impedir que isso aconteça.”

Penny Ward, professora de medicina farmacêutica no King’s College de Londres

tipo ocorreram entre crianças cuja mãe não havia se vacinado. Estatísticas anteriores à pandemia mostram que, no país, essa taxa era de 6 por mil nascimentos.

A internação hospitalar também foi significativamente mais comum em gestantes com covid-19 que não foram vacinadas no momento do diagnóstico do que em grávidas imunizadas. Segundo o estudo, 98% das infectadas pelo Sars-CoV-2 na gestação que precisaram ser hospitalizadas nas unidades intensivas não haviam tomado a vacina.

Por fim, os pesquisadores monitoraram as taxas de complicações em mulheres que receberam a vacina para covid durante a gravidez. A mortalidade perinatal e as taxas de parto prematuro dentro de 28 dias após o recebimento da vacina foram muito semelhantes às estatísticas de base, fornecendo mais garantias sobre a segurança da vacinação durante a gravidez. “Nossos dados reforçam a evidência de que a vacinação na gravidez não aumenta o risco de complicações, mas a covid-19, sim”, comenta Sarah Stock, obstetra e pesquisadora do Instituto Usher da Universidade de Edimburgo.

## AstraZeneca: reforço funciona

O laboratório britânico AstraZeneca divulgou, ontem, dados preliminares de um estudo em andamento mostrando que a vacina Vaxzevria, para a covid-19, aumentou a resposta imunológica a todas as cepas do Sars-CoV-2, incluindo a ômicron, quando administrada como terceira dose, de reforço. Os resultados foram verificados em pessoas previamente imunizadas com a substância produzida pela companhia ou com uma vacina de mRNA, como a da Pfizer. Anteriormente, um artigo publicado na plataforma de pré-impressão da *The Lancet* demonstrou que o mesmo acontece em pessoas imunizadas com a CoronaVac.

Em nota, a AstraZeneca

informou que enviou os dados às autoridades de saúde de todo o mundo devido à “necessidade urgente de reforços da terceira dose”. Segundo o professor Andrew J Pollard, pesquisador-chefe e diretor do Grupo de Vacinas da Universidade de Oxford, “esses estudos importantes mostram que uma terceira dose de Vaxzevria após duas doses iniciais da mesma vacina, ou após (os imunizantes) de mRNA ou de vírus inativados, aumenta fortemente a imunidade contra a covid-19”. O ensaio de segurança mostrou que a Vaxzevria continuou a ser bem tolerada, sem efeitos colaterais graves. Outras análises do estudo são esperadas ainda no primeiro semestre. (PO)



## FORTES EVIDÊNCIAS

# Vírus do beijo pode causar esclerose múltipla

A esclerose múltipla (EM), uma doença progressiva que afeta 2,8 milhões de pessoas em todo o mundo e para a qual não há cura definitiva, provavelmente é causada pela infecção pelo vírus Epstein-Barr (EBV), responsável pela chamada doença do beijo. A constatação é resultado de um estudo liderado por pesquisadores da Escola de Saúde Pública TH Chan, de Harvard, nos Estados Unidos, e foi publicada na edição on-line da revista *Science*.

“A hipótese de que o EBV causa EM tem sido investigada por nosso grupo e por outros há vários anos, mas esse é o primeiro estudo que fornece evidências convincentes de causalidade”, disse Alberto Ascherio, professor de epidemiologia e nutrição e autor sênior do artigo. “Esse é um grande passo, porque sugere que a maioria dos casos de esclerose múltipla pode ser evitada interrompendo a infecção pelo EBV, e que direcionar (as pesquisas) ao vírus pode



Esse é um grande passo, porque sugere que a maioria dos casos de esclerose múltipla pode ser evitada interrompendo a infecção pelo EBV”

Alberto Ascherio pesquisador da Escola de Saúde Pública TH Chan

levar à descoberta de uma cura”.

A EM é uma doença inflamatória crônica do sistema nervoso central que ataca as bainhas de mielina que protegem os neurônios do cérebro e da medula espinhal. Sua causa não é conhecida,

LOIC VENANCE



mas um dos principais suspeitos é o EBV, um vírus do herpes que pode causar mononucleose infecciosa, a doença do beijo, e estabelecer uma infecção latente e vitalícia do hospedeiro.

Estabelecer uma relação

causal entre o vírus e a doença tem sido difícil, porque o EBV infecta, aproximadamente, 95% dos adultos — a EM é uma doença relativamente rara, e o início dos sintomas começa cerca de 10 anos após a infecção pelo

Cientistas acompanharam 10 milhões de jovens: o vírus Epstein-Barr infecta cerca de 95% dos adultos

vírus. Para determinar a conexão, os pesquisadores realizaram um estudo com mais de 10 milhões de jovens adultos que estavam na ativa nas Forças Armadas dos EUA. Desses, 955 foram diagnosticados com esclerose múltipla durante o período de serviço.

A equipe analisou amostras de sangue coletadas a cada dois anos dos militares e determinou o status de EBV no momento da primeira amostra e a relação entre a infecção pelo vírus e o início da EM. Nessa coorte, o risco de esclerose múltipla aumentou 32 vezes após a infecção pelo EBV, mas permaneceu inalterado considerando o contágio por outros

vírus. Os níveis séricos da cadeia leve do neurofilamento, um biomarcador da degeneração nervosa típica da EM, aumentaram apenas após a infecção pelo EBV. As descobertas não podem ser explicadas por nenhum fator de risco conhecido para EM e sugerem o vírus como a principal causa da doença.

Ascherio diz que o atraso entre a infecção pelo EBV e o início da EM pode ser parcialmente devido aos sintomas da doença não serem detectados durante os estágios iniciais e parcialmente devido à evolução da relação entre o EBV e o sistema imunológico do hospedeiro, que é repetidamente estimulado sempre que o vírus latente é reativado. “Atualmente, não há como prevenir ou tratar efetivamente a infecção pelo EBV, mas uma vacina contra o vírus ou medicamentos antivirais específicos para ele poderiam prevenir ou curar a esclerose múltipla”, disse Ascherio.